

A INVENÇÃO E A REINVENÇÃO: FLUÊNCIA E CONFLUÊNCIA ENTRE MICHEL SERRES E PAULO FREIRE

INVENTION AND REINVENTION: FLOWING AND CONFLUENCE BETWEEN MICHEL SERRES AND PAULO FREIRE

Geraldo Mateus de SÁ¹

RESUMO: Este texto, ainda que de forma breve, pretende aproximar Michel Serres e Paulo Freire. Neste sentido, entende-se que as ideias contidas em suas obras são possibilidades inovadoras de se pensar o mundo, o homem, a educação, a sociedade e o conhecimento. São também obras que instigam a invenção e a reinvenção de novas formas de ensinar e de aprender, especialmente no contexto contemporâneo, em que os jovens e os educadores, ambientados em outra realidade, não mais vivem nem convivem no mundo de seus antepassados. Por isso, o pensamento de Serres e de Freire sugere, à luz de uma abordagem crítica, novos caminhos e alternativas para uma educação voltada para a concretude do mundo e para o inacabamento do homem, cujo intuito primeiro é a humanização do homem arraigada no mundo e na relação com outros homens. Conceitos como invenção e reinvenção são assinaturas originais e dinâmicas da concepção pedagógica do ‘filósofo das narrativas’ e do ‘educador viajante do óbvio’, ambos concatenados com o mundo, o homem, a educação e a efetivação de uma nova pedagogia.

PALAVRAS-CHAVE: Invenção. Reinvenção. Educação. Conhecimento.

ABSTRACT: Although briefly, this text aims to bring Michel Serres and Paulo Freire closer. In this regard, we understand that the ideas shown in their works are innovative possibilities of thinking the world, the man, education, society and knowledge. They are also works that investigate the invention and reinvention of new teaching and learning ways, especially in the current context, in which the young and the educators, set in another reality, neither live nor relate in their ancestors’ world. That is why Serres and Freire’s thoughts suggest new ways and alternatives to a new education directed to the world’s concreteness and to man’s unfinished under a critical approach, which first objective is the humanization of man rooted in the world and in the relation with the others. Concepts such as invention and reinvention are the original and dynamic signatures of the ‘narratives philosophy’ educational notion and the ‘obvious-traveler educator’, both concatenated with the world, the mankind, education and a new pedagogy realization.

KEYWORDS: Invention. Reinvention. Education. Knowledge.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca encetar um breve diálogo entre Michel Serres e Paulo Freire². É sabido que um e outro são pensadores de vasta e variada produção intelectual, cujas ideias fluem e confluem em diferentes situações, sendo que uma delas

¹ Professor de Filosofia e Metodologia Científica na Universidade do Estado do Pará (UEPA) – *Campus VII, Conceição do Araguaia, PA, Brasil. Endereço eletrônico:* geraldomateusdesa@hotmail.com

² Michel Serres nasceu em 1930. Paulo Freire nasceu em 1921 e faleceu em 1997.

se manifesta na concomitância da noção de invenção e de reinvenção, tal como se desenvolve no curso deste texto.

Serres, por sua vez, trata sobre questões cruciais do mundo contemporâneo no campo científico, tecnológico, pedagógico, educacional e ambiental, bem como aborda diferentes manifestações da vivência humana em seu processo de mestiçagem³ e, conseqüentemente, também de aprendizagem. Atento às conformações políticas, sociais e históricas hodiernas, o referido filósofo se encantou com as novidades do mundo, e com elas estabeleceu uma relação livre das formatações filosóficas tradicionais.

Seu pensamento, que se liga às diferentes áreas do conhecimento, lhe conferiu uma formação multidisciplinar, ou melhor, de acordo com a originalidade da sua linguagem filosófica, eis que isto o fez um filósofo mestiço. Para além de sua formação filosófica e matemática, se consagrou como historiador da ciência e com trabalhos no âmbito da epistemologia, da educação, da física, da estética e da antropologia, entre outros.

Além do mais, é um filósofo amante do mito, das fábulas e das narrativas, o que certamente impacta diretamente na tessitura da sua filosofia peculiar e no seu discurso polissêmico, sempre recorrente à expectativa do novo sem, porém, propor a exclusão do velho. Sua obra é deliberadamente inventiva, diversificada e topológica. Por vez, seu pensamento não encontra classificação usual entre as correntes filosóficas tradicionais. A par de sua longevidade, ainda é um pensador protagonista de uma filosofia original e instigante e, concomitantemente, incompreendida por muitos dos seus pares.

Ele crítica radicalmente a filosofia sistematicamente fechada e isolada em seus próprios cânones, principalmente por acreditar que ela não se preocupa, suficientemente, com o desenvolvimento científico e suas manifestas conseqüências na contemporaneidade. Seu pensamento propõe a razão harmonizada com a realidade humana exteriorizada nas suas múltiplas faces. Suas ideias transitam pelos grandes domínios do conhecimento sem, em nenhum momento, determinar posição de partida ou de chegada em sentido definitivo. Suas ideias são insubmissas, inconformadas e, às vezes, por demais ácidas e críticas.

No entanto, é um filósofo que se propõe a dar conta da raridade do homem e do mundo, especialmente porque ele se coloca na condição de quem olha a partir de uma posição flexível e fluida, característica inerente ao seu modo de pensar plural e mestiço. No que lhe concerne, Serres presume a emergência de novo humanismo, assim como se empenha em estreitar laços através do diálogo com as culturas, as filosofias, as ciências e, particularmente, com o mundo, acreditando que este se transforma de maneira permanente e em concomitância com as mudanças da humanidade.

³ De forma inventiva e original, Serres propõe a concepção de mestiçagem, ao passo que considera o processo da aquisição do conhecimento uma mistura de diversos fatores, tais como ocorrem nas culturas, nas sociedades e nas nossas heranças genéticas. À vista disto, a aprendizagem originária consiste na mistura ou na mestiçagem marcada pelos vínculos estabelecidos entre o mestre, o aprendiz e o conhecimento.

De outro modo, o pensador e educador brasileiro, Paulo Freire, também priorizou o homem em sua concretude e inteireza sem, no entanto, deixar apagar a chama do espírito inventivo. Este foi um educador que se pautou no ideal da pedagogia revolucionária e inovadora. Homem de linguagem acessível, crítica, instigante, humanizadora e recorrentemente inventiva, cuja vivência histórica se tornou repleta de sonhos e de utopia. Seu agir político e pedagógico, inventivo e revolucionário originou novo ideal de educação, então, engajado e comprometido com a liberdade e com o anseio de erradicar quaisquer formas de opressão.

Particular e de forma ousada, Freire concebeu seu pensamento orientado, de maneira característica, para a educação, sobretudo no empenho de, através dela, formar a consciência crítica dos educadores e dos educandos. Desse modo, seu principal objetivo foi promover, de modo perseverante, a libertação integral do dominador e do dominado. Assim, a sua pedagogia foi gestada na palpabilidade do mundo e na predileção pelos menos favorecidos, cuja vivência histórica também está enraizada na realidade.

Assim, existencial e dialeticamente construído na relação homem-mundo, o respectivo pensamento ainda se manifesta como apelo vivo ao processo de conscientização política seguido da libertação do homem na sua totalidade. De tal modo, o ideal da sua pedagogia, que propõe libertar o oprimido e o opressor mutuamente, deve ser sequenciado pela autonomia, a qual concretiza a liberdade do corpo e do espírito. Logo, é nessa pretensão que o educar se configura como condição *sine qua non* da transformação do homem e, conseqüentemente, do mundo.

De forma somatória ao intenso curso da sua vida, Freire buscou amalgamar a teoria e a prática pedagógicas, isto é, colocando a pedagogia na esfera do seu extraordinário projeto de libertação do homem, cujo intuito principal foi o de valorizar a experiência humana na sua original inventividade e disposição de, constantemente, também se reinventar. A esse fim, o ideal freireano busca, de forma contínua, plenificar o espírito do homem livre e autônomo. Sua vivência e experiência política, vale lembrar, sempre estiveram ao lado do otimismo e da utopia, ou seja, da invenção do novo homem, tal como exemplificou o ideal do engajamento da educação na conscientização e na libertação do oprimido e, outrossim, do opressor.

Nesta interpretação, Freire propôs mudar os homens e a realidade sem, no entanto, se distanciar das suas circunstâncias existenciais e do próprio mundo. Por vez, o homem configurado existencial e dialeticamente por esta concepção pedagógica é aquele que tem consciência de seu papel político-pedagógico em prol de uma sociedade mais humanizada e, sobretudo, ética e mais solidária, sem jamais excluir as diferenças e as circunstâncias próprias da dualidade homem-mundo.

Freire, em tempo algum, foi um educador distanciado da sua realidade, mas contrariamente alguém que, na sua proposição da pedagogia da autonomia percebeu, com destreza, a inevitabilidade de libertar o homem a partir da sua própria cons-

cientização. Seu compromisso com a liberdade e o amor ao homem tornou seu ideal pedagógico fundamental, então, ambientado na ética e no comprometimento com sua constante disposição para o diálogo. Por estes e outros atributos, ele se notabilizou entre os mais notáveis educadores contemporâneos, no Brasil e no mundo.

No que lhe diz respeito, foi um homem afeito a linguagem acessível, inventiva e progressista. Tal como Serres, Freire também se moveu por vários assuntos, embora sua prioridade tenha afluído para a educação e a conscientização crítica de todos os sujeitos envolvidos no inacabado processo de ensino e de aprendizagem, especialmente dos explorados e dos excluídos. Dessa forma, o referido educador brasileiro acreditou que a formação da consciência crítica é substancial para a libertação do homem oprimido. Educador renitente, militante e destemido, ele compôs na árdua experiência do exílio a sua *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1987), obra onde a teoria e a prática se mesclam em virtude da ação educativa transformadora, sobremaneira, comprometida com as classes menos privilegiadas e mais exploradas.

Por conseguinte, ainda que distante um do outro, Serres e Freire ousaram em se comprometer radicalmente com a liberdade, com o amor ao homem e ao mundo. Desse ponto de vista, cultivaram suas histórias e narrativas sem, todavia, desesperançar dos seus próprios ideais, estes regados com o otimismo e a utopia próprios de cada um. Suas obras, forjadas nos percalços da contemporaneidade convergem na comunhão de ideias, de sonhos e de anseios por um mundo melhor, de modo consequente sequenciado pela gestação do novo homem, este, por sua vez, comprometido com a conquista do ser mais. Logo, ambos se constituem autores empenhados com os desafios da contemporaneidade e, decerto, clamam pela paz entre os homens, sem jamais abrir mão do compromisso ético, isto é, pautado no ideal de novo humanismo e da inventividade humana.

A INVENÇÃO E A REINVENÇÃO: DA SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA À LIBERDADE DE APRENDER

Serres e Freire, cada um a partir da sua ambientação histórica e vivência na concretude do mundo contemporâneo, criticam contumazmente tudo aquilo que “nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1987, p. 58) aprendizagem. Nesta linha de raciocínio, Serres, em *Polegarzinha* (2013), chama atenção para o aluno e o jovem atuais, agora ambientados num mundo diferente daquele vivenciado por seus pais, e com o qual não mais se relacionam do mesmo modo de outrora. No curso da modernidade, o mundo e as pessoas mudaram de maneira profunda e marcante. Os grandes avanços científicos e o expressivo crescimento demográfico, em todas as partes do mundo, bem como as mudanças de comportamento e as novas formas de relacionamento dos indivíduos com o conhecimento, exigem, portanto, um novo modo de educar.

Agora, é como se as crianças e os jovens vivessem no mundo virtual, pois adquiriram novas habilidades, aprenderam a lidar com múltiplas e simultâneas informações e, diferentemente de outras gerações passadas, também não têm mais a mesma cabeça nem habitam mais o mesmo lugar como seus predecessores. Estes jovens, hoje, fazem parte do grande e crescente contingente a ser educado, devendo-se levar em consideração que vivem, convivem e estudam num mundo multicultural, diferente de quase tudo aquilo que fundamentou a educação de seus pais, quicá de seus educadores. Estes jovens “não falam mais a mesma língua” (SERRES, 2013, p. 20) de seus antepassados, pois agora são especialistas no uso das mídias digitais e coparticipantes nas mudanças da língua, do trabalho, do mundo atual e vindouro.

Como nunca antes na história humana, os educadores não são mais as únicas referências na transmissão do saber. Estes mesmos jovens nasceram num mundo paudado pela influência da mídia e das diferentes tecnologias que alteraram o meio onde vivem e a forma como se relacionam entre si. Em *A grande narrativa do humanismo* Serres (2008, p. 147) alerta que:

O maior perigo que correm os nossos filhos é este: mergulhamo-los num universo de códigos replicados, esmagamo-los com redundância. A crise da sua educação é esta: baseada na imitação, a aprendizagem ensina-nos a tornarem-se singularidades inimitáveis. Os *media*, a publicidade, o comércio, os jogos repetem, pelo contrário, tonitruantes: imitem-me, tornem-se os veículos automáticos da repetição de nossas marcas, para que os vossos gestos repetidos multipliquem, repetindo-os, os nossos êxitos comerciais. Tímida, quase sem voz perante estes potentados, a educação segreda: não imitem ninguém a não ser vós próprios, tornem-se a vossa liberdade. Tornando-se pedagogia, a nossa sociedade tornou portanto contraditória a educação.

A partir deste momento, estes jovens se transformaram em indivíduos e adquiriram novo jeito de conviver, de aprender e exigem, portanto, nova pedagogia, bem como outros modos de ensinar. Tais mudanças nos colocam ante o desafio de mudar a forma ultrapassada com que insistimos em ensinar e que, nas circunstâncias atuais, eles nem reconhecem nem ouvem mais o velho mestre (SERRES, 2013).

Neste sentido, a recente crítica construída por Serres (2013), em *Polegarzinha*, soma à concepção também radicalmente crítica da já concebida educação bancária, de Freire (1987), então conceituada e apregoada em *Pedagogia do oprimido*. Em consonância, ambos reconhecem a obsoleta insistência dos educadores em cumular a cabeça dos seus alunos com informação e conteúdo descontextualizados das suas vidas e do mundo que habitam. Desta perspectiva, faz-se necessário, em nosso tempo, expressiva mudança nas concepções pedagógicas que transmitem este saber autoritário e estéril de inventividade, especialmente quando as transformações vivenciadas por tais jovens dispensam a acumulação do saber em detrimento da intuição inovadora e da invenção.

Há muito tempo, conforme Serres, já se podia contar com a resistência do filósofo Montaigne (1533-1592), que “preferiu uma cabeça bem-constituída a um saber acumulado, pois a cumulação, já objetivada, se encontrava nos livros, nas prateleiras de sua biblioteca” (SERRES, 2013, p. 36-37). Nesta acepção, em tempos recentes, tanto para Serres (2013) quanto para Freire (1987), não mais faz sentido o saber estagnado, petrificado, depositado. Esta referida concepção pedagógica habituou-se a narrar “conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos” (FREIRE, 1987, p. 57).

Freire (2003, p. 90), já em 1959, em *Educação e realidade brasileira*, de modo ousado e pertinente, denunciou a “inexperiência democrática”, a qual ainda insiste em permanecer na realidade educacional brasileira. Grosso modo, pode-se dizer que cultivamos uma educação onde não se ensina e, igualmente, não se aprende a perceber o mundo,

[...] a discutir e a debater numa escola que não nos habitua a discutir, porque impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não se ajusta concordante ou discordantemente, mas se acomoda. Não lhe ensinamos a pensar, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as “guardas”. Não incorpora, porque a incorporação é o resultado da busca de algo, que exige, de quem o tenta, esforço de realização e de procura. Exige reinvenção.

Na concepção pedagógica de Freire e de Serres são frequentes os conceitos de invenção e de reinvenção, assim como apregoam o distanciamento do saber e do conhecimento estabelecidos a fim de se abrir para o novo, para a raridade do homem, para a descoberta do mundo. Por conseguinte, o filósofo francês alerta que “a inteligência inventiva se mede pela distância com relação ao saber” (SERRES, 2013, p. 43) acumulado e autoritariamente ensinado, copiado e replicado na maioria das instituições de ensino.

Também Freire, clamando contra a dureza e a esterilidade da educação tradicional a contrapôs ao dizer que somente “existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 58). Conquanto, para Serres, ninguém mais quer ouvir o professor que “verbaliza o escrito” ou “uma página-matriz” obsoleta. Assim, os “professores se tornaram os menos ouvidos dentro desse sistema instituidor dominante” (SERRES, 2013, p. 19-44), onde se narra uma realidade que não mais faz sentido para quem vive e convive em outro mundo e em outra época.

Nesta ocasião é preciso, sem demora, transformar a sala de aula, pois os jovens não mais admitem as “correntes da Caverna multimilenar” (SERRES, 2013, p.49) que os aprisionam à falta de mudanças na educação e na escola. O fim da antiga

classe, que inibe e esteriliza as possibilidades de se compreender que somente “a descoberta desperta” (SERRES, 1993, p.109) nos preannuncia que “a curiosidade é já conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 55) e, além do mais, a possibilidade da “descoberta criativa” (SERRES, 2013, p. 53), da invenção e da novidade.

Em sua obra *Luzes*, o mesmo autor de *Polegarzinha* sugere que se deve sair da escola, visto que “o fim ou objetivo da instrução é a invenção” (SERRES, 1999, p. 174), pois acredita que “tudo tem que ser refeito” e, permanentemente, “ser inventado” (SERRES, 2013, p. 31). Nestas circunstâncias, ele prefere “a invenção acompanhada do risco de erro à certeza rigorosa” (SERRES, 1999, p. 172) dos saberes absolutos. A invenção, unicamente ela, transcende o imitável e o repetitivo, enquanto que, segundo Freire (1996, p.47), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, ou seja, conduzir e se deixar conduzir pela ação inventiva.

Ademais, na atualidade, é no campo dos saberes e da educação que a invenção se faz tão necessária, pois, a partir dela é que emerge o tempo de se dar conta da consciência de que a necessidade de mudar “habita o mesmo campo que nossa liberdade” (SERRES, 1999, p. 226). Deste modo, instiga Serres (2005, p.89): “Procurem a liberdade e terão o conhecimento; busquem o conhecimento e serão capazes de inventar, procurem simultaneamente o saber e a invenção e nunca poderão deixar de amar”.

Porquanto, as criações conceituais de ambos autores, aqui consideradas de cunho original e crítico, contribuem no intuito de superar o feitiço duro, inflexível, autoritário e prepotente da educação tradicional. Por isso, ainda hoje, é necessário nos reconduzir à prática inventiva, para só ensinarmos “o que se pensa e que se acredita ter inventado” (SERRES, 1999, p. 110), ainda que “[...] pensar autenticamente é perigoso” (FREIRE, 1987, p. 61) em amplo sentido. Mas, caso queiramos a autenticidade, apenas a invenção é suficientemente capaz de suprimir a repetição – de zombar das demarcações da uniformidade e do imitável – tão arreigada nas tradições pedagógicas pouco ou nada inventivas.

Eis que, mais uma vez, Serres chama atenção para o seguinte:

As instituições de cultura, de ensino ou de pesquisa, aquelas que vivem de mensagens, de imagens repetidas ou impressos copiados, os grandes mamutes da Universidade, das mídias ou da edição, os ideocratas também, cercam-se de um amontoado de artifícios sólidos que impedem a invenção ou a quebram, a temem como o pior perigo. Os inventores lhes fazem medo [...]. Quanto mais as instituições evoluem em gigantismo, melhor se formam as condições contrárias ao exercício do pensamento. (SERRES, 1993, p. 109)

Na continuação do entendimento serresiano, o início do conhecimento se dá no esquecimento e na desobediência à norma estabelecida. Portanto, precisamos semear “nossa memória com revoltas e negligências” porque a “invenção inicia-se a

partir desse momento” (SERRES, 2005, p. 68) prioritário, quer dizer, quando se deixa de admitir a educação na qual “o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração” (FREIRE, 1987, p. 57) e, conseqüentemente, habituá-los à passividade daqueles que não pensam, não agem, não criticam, não compreendem e não ensinam.

Neste momento, em que não se dá mais ouvidos ao saber estagnado nas páginas dos livros, os novos habitantes do mundo clamam por uma reviravolta na pedagogia e na prática de quem se dispõe a ensinar e a educar. É, então, necessário dialogar com o jovem que se projeta neste novo mundo, para que, juntamente com os educadores, possam aprender, a exemplo do que bem diz Freire, que, “agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 69) e, na visão de Serres, também pelo auxílio das novas tecnologias.

E, indubitavelmente, a educação poderia ser facilitada e potencializada pelo modo como os jovens acessam livres e diretamente o saber, fato que cobra mudanças e constantes invenções no campo pedagógico. A “facilidade de acesso” à informação proporciona a quem desejar “bolsos cheios de saber” (SERRES, 2013, p. 48), mas, de outro lado, é necessário ouvir e compreender o que diz Freire, no sentido de que este saber tem que ser assimilado de forma crítica e, por sua vez, precisa contribuir para o processo de humanização e libertação do homem, seja ele o dominado ou o dominador.

O saber outrora controlado e centralizado em determinado endereço fixo, agora trafega pelas redes virtuais de forma autônoma e ágil. Esse evento inaugura, de maneira expressivamente otimista, a utilização das novas tecnologias celebradas por Serres [e, possivelmente, também seria por Freire], pois não mais é preciso se submeter aos professores, à filosofia ou à ciência serva do “Saber Absoluto” (SERRES, 2013, p. 47), como antes ocorria e se inibia a liberdade e a inventividade humanas em nome da tradição pré-estabelecida, quase sempre em subserviência aos sistemas fechados em si mesmos, esquivos e intolerantes à relação dialógica com outros saberes.

Na atual sociedade global, na qual se vive e convive com a pluralidade das diferenças, a “palavra humana balburdia no espaço e no tempo” e a “nova democracia do saber” insiste em ecoar onde quer que estejamos. Habita-se agora um mundo onde se vê desmoronar a “velha pedagogia” (SERRES, 2013, p. 69-70), quando ainda se faz necessário, em acepção freireana, denunciá-la. Todavia, de outra ótica, como boa nova, é também tempo oportuno de anunciar “uma pedagogia problematizante” em contraposição à “pedagogia” dos “depósitos”, “bancária” (FREIRE, 1987, p. 135) e autoritária.

É inerente a estes dois pensadores uma crítica radical às mazelas da fome, do assistencialismo e da ignorância latentes nesta sociedade que prioriza o espetáculo,

o supérfluo e a dominação. Neste contexto, o jovem atual vive e existia o “novo caos” que “anuncia uma nova reviravolta, antes de tudo da pedagogia, mas também da política em todos os seus aspectos” (SERRES, 2013, p. 45) e, ainda que anonimamente, aponta para a emergência de outras competências, de outro mundo, e para o novo homem.

Em sintonia com o mundo contemporâneo, o pensamento destes dois autores sempre atentou para as mudanças no campo do saber, da educação, da filosofia, das ciências e, sobretudo, do próprio homem. Assim diz Serres:

Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva do ensino – mudança que pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas; mudança que não abala apenas o ensino, mas também, e muito, o trabalho, as empresas, a saúde, o direito e a política, isto é, o conjunto de nossas instituições –, mas estamos longe disso ainda. (SERRES, 2013, p. 28)

Concomitante ao mundo e ao homem, o ideal humanístico de Serres e de Freire contempla a beleza e o paradoxo, o otimismo e a utopia, o sonho e a realidade.

AMOR AO MUNDO, AOS HOMENS E AO SABER: ENTRE O OTIMISMO DE SERRES E A UTOPIA DE FREIRE

Como crítica à fragmentação do conhecimento e às especializações cada vez mais apartadas da pluralidade e do diálogo com os demais saberes, o pensamento de Serres ressoa na concepção de Freire que, por sua vez, se levanta cabalmente contra uma educação bancária. Destarte, esta prática estabelecida nas concepções filosóficas ortodoxas e ainda marcante no fazer pedagógico vigente, seguramente, limita as possibilidades da aprendizagem crítica em consonância com a compreensão do homem e do mundo como realidade interdependente, fato que nega a relação dialógica entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende.

A partir da sua *Filosofia mestiça*, Serres (1993) considera ser o processo de aquisição do conhecimento a mistura de fatores culturais, sociais e genéticos. Aí, o processo pedagógico consiste na mestiçagem marcada pelas relações entre o mestre, o aprendiz e o conhecimento. E, aqui neste texto, oportunamente, sugere-se a mestiçagem conceitual entre o pensamento de Serres e o ideário de Freire, especialmente no sentido de mestiçar o otimismo e a utopia, o sonho e a realidade que, em ambos, sempre pressentem o novo.

O pensamento destes autores, ao almejar a concretização do amor incondicional ao homem, se volta para suas múltiplas possibilidades, narrativas, travessias, diálogos e, por conseguinte, para a determinação de suplantar esta tradição pedagógica, em época atual, obsoleta e opressora. Esta mesma tradição, manifestada na figura do

porta-voz da verdade é aquela que “faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (*apud* APPLE; NÓVOA, 1998, p. 176), logo, se submetendo à vigência do saber absoluto, autoritário, estereótipo de curiosidade e de amorosidade.

Esta respectiva tradição, prestigiadora do saber especializado, fragmentado, então adequado à prática sistemática do depósito bancário na cabeça dos educandos, agora tem sido constante e insistentemente desafiada a provocar mudanças nas suas ações pedagógicas autoritárias e historicamente instituídas. Em concordância com o ideal freireano, o educador precisa assumir que a prática do “diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 1987, p. 79) entre todos aqueles que se abrem à experiência de ensinar e de aprender. Portanto, é preciso caminhar em direção a algo e compreender que aquele que “não se mexe nada aprende” (SERRES, 1993, p. 14) e no mesmo sentido, também, nada ensina.

Por sua vez, o pensamento serresiano gesta e preconiza a invenção de “uma nova era das Luzes” (SERRES, 1999, p. 92), talvez necessária à mudança de sentido e de conduta do homem na transposição dos domínios que o prendem aos modelos arcaicos de produção e de utilização do conhecimento. Neste caso, a compreensão de Serres figura como original, provocante, afirmativa, otimista e persuasiva em relação a novas travessias nas fronteiras da filosofia, da ciência e da educação. Também caminha em direção a nova pedagogia, à qual se deve somar a amorosidade e a rigorosidade ética freireanas. Nessa lógica, Freire, veementemente, nos convida a perceber que “tanta coisa acontece no mundo, quer dizer, o mundo está melhorando” (FREIRE, 2001, p. 11), ao mesmo tempo em que, segundo Serres, ao “preferir o amor, agite a bandeira branca” quando é, então, “chegada a hora de uma nova narrativa” (SERRES, 2005, p. 106) sobre o novo mundo que se descortina.

Desta perspectiva de esperança num mundo melhor e, acima de tudo, mais humanizado e humanizador, o pensamento dos respectivos autores se configura como importante referencial para a nova prática pedagógica voltada para a diversidade do mundo e do homem. Contrariando o *status quo* do saber petrificado, em sua dureza e incompreensão do mundo em processo de transformação, Serres admite termos “todos a necessidade de uma narrativa para existir” (SERRES, 2006, p. 48) e persistir. Quando, também, Freire se fez educador com sua linguagem “construída à volta de histórias e de metáforas” (APPLE; NÓVOA, 1998, p. 178), as quais suscitam reflexões a respeito do mundo, do homem, do conhecimento e da educação.

Conquanto, urge a necessidade de se inventar novas formas de ensinar, de aprender, especialmente para aquelas crianças e jovens que “não habitam mais a mesma Terra, não têm mais a mesma relação com o mundo” (SERRES, 2013, p. 13) e com os seus semelhantes. Por consequência, a partir do peculiar ponto de vista de tais pensadores, há que se entender que a “promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (FREIRE, 1996, p. 32), e da consideração da boniteza do homem e do

mundo. Enfim, necessário é perder o medo de “não ter sempre razão” (SERRES, 1999, p. 175) e, assim, insistir na ousadia de mesclar os velhos e os novos saberes, pois, ainda que “as especialidades se dividem, o inventivo continua uno” (SERRES, 1993, p. 68), em movimento, inacabado e aberto à expectativa da raridade.

Ao se aventar a problemática pedagógica da atual realidade educacional, juntamente com aqueles desafios que parecem inerentes às crianças e aos jovens de hoje, acredita-se que a ousadia do filósofo das narrativas e do educador viajante do óbvio, em comunhão ética e inventiva, supere as discussões duras e inflexíveis da “rigidez [das] posições” que contrariam a “educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1987, p. 58) e de inacabamento, tanto do educador quanto do educando.

Por ora, ressalta-se o desvalor das discussões pedagógicas oriundas de outra época, de outra linguagem, voltadas apenas para um mundo não mais habitado pelas crianças e jovens da atualidade (SERRES, 2013), concomitantemente, acometidos pelos mesmos desafios que os educadores, inclusive, são provocados a superar tal situação. Portanto, a partir da concepção filosófico-pedagógica dos referenciados pensadores, intensamente vivenciada nas possibilidades do amor ao homem e ao mundo, espera-se, em época não muito distante do presente, a superação das contradições do *campus* pedagógico, tornando a educação uma realidade fluida, humanizada, dialógica e crítica.

O discurso plural e gestante do novo humanismo, proponente da prática pedagógica mestiça, imersa na diversidade multicolorida do mundo, alegoricamente estampada na capa de Arlequim, encontra guarida na obra de Serres (1993) e, por certo, na boniteza preconizada pela pedagogia freireana. Tal discurso resistente à cultura livresca e impregnado de mundo, de narrativas, de existência, de metáforas, de alegorias, eis que sugere valer a pena o otimismo e a utopia da pedagogia alegre, inventiva, curiosa e amorosa. Então, pondera-se que a mestiçagem entre o otimismo de Serres e a utopia de Freire seja fértil o bastante para delinear a superação das práticas decorrentes do ensino autoritário e, quiçá, das aprendizagens fragmentadas, descontínuas, duras, inflexíveis, bancárias e estéreis a toda e qualquer inventividade do espírito humano livre e autônomo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termo deste artigo tem-se a consciência da inevitável sensação de inacabamento e incompletude ante a vida e a expressividade das ideias aqui abordadas. Isto, talvez, porque as invenções conceituais, o otimismo e a utopia que transbordam em tais autores transcendem a noção de conclusão da experiência humana no mundo. Ao mesmo tempo, dada a profundidade e a extensão das suas obras, Serres e Freire clamam, de maneira unissonante, pela efetiva e revolucionária mudança da educação. Para tanto, tal empreitada constitui, sim, um processo em permanente construção

e reinvenção ante as novidades de nosso tempo e, portanto, também referente aos homens que nele habitam.

Por isso, misturar tais ideias, conceitos e saberes, como propõe a filosofia mestiça de Serres provoca ansiedade, espanto e admiração, pois aí se efetiva a marcante imersão no sonho e na utopia de dois pensadores originalmente inventivos. Entretanto, o envolvimento emotivo, amigável e passional com cada um dos quais, embora sejam convidativos a tal, não pode ofuscar a análise crítica sobre suas ideias e concepções, dado que, não raramente, é possível percebê-los inebriados das próprias narrativas e metáforas, otimismo e utopias.

Em suma, na forma como abordam a educação contemporânea, comprometida com o mundo e com o homem, eis que delineiam a exigência da nova pedagogia, a qual é, na verdade, exigente do novo educador. Pois, ao constatarem que o mundo, a sociedade, a humanidade e os jovens mudaram, eles entenderam ser necessária profunda e radical mudança nas instituições educacionais. Assim sendo, é tempo de perceber e, com certa urgência, se predispor a transformar a realidade sem, não obstante, perder a dimensão do otimismo e da amorosidade em relação ao homem e ao mundo, tal como sugerem o filósofo das narrativas e o educador viajante do óbvio.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W.; NÓVOA, António (Org.). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Portugal: Porto Editora, 1998.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: sua vida, sua obra. *Educação em Revista*. Marília, v. 2, n. 1, 1-13, 2001. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/663/546>. Acesso em: 11 ago. 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27. ed. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SERRES, Michel. *O incandescente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo – a história da humanidade: um conto iniciático*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco, 1999.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Recebido em: 19/09/2015.

Aprovado em: 29/08/2018.